

MILITÂNCIA EM APLICATIVOS DE RELACIONAMENTOS: O CASO BOTELHO E UMA REFLEXÃO SOBRE VIGILÂNCIA NO TINDER¹

Naiara Silva Evangelo²

INTRODUÇÃO

A possibilidade de acesso à Internet em celulares é um marco que complexifica a etapa de serviços *online* web 2.0, caracterizada por Bruno (2013, p. 25) como movimentos participativos e colaborativos em ambientes da Internet. Se, como discute Polivanov (2014, p. 17), os sites de redes sociais, como Orkut e Facebook, são plataformas que se destacaram no contexto de potencialização de compartilhamento de informações e publicização de conteúdos da web 2.0, na era dos *smartphones*, os aplicativos para dispositivos móveis têm chamado atenção por estarem cada vez mais presentes na vida de seus usuários. Também parte da fase de mobilidade da comunicação, os principais sites de redes sociais possuem seus próprios *apps*. E, nesse cenário, há também o surgimento de redes sociais que possuem apenas a versão em aplicativos. Este estudo irá se debruçar sobre questões que circundam um deles, o Tinder.

Lançado em 2012, o Tinder registrou em 2016 mais de 50 milhões de usuários ativos em todo mundo, sendo o Brasil o segundo país mais assíduo na plataforma³, em dados de junho do mesmo ano. Ao cair nas graças dos brasileiros, o aplicativo tem se mostrado um ambiente digital muito mais complexo que sua proposta de sociabilidade, que foca, sobretudo, na busca por parceiros amorosos e/ou sexuais. A percepção da relevância do Tinder no cenário de

1. Artigo apresentado ao Eixo Temático 14 – Privacidade/Vigilância/Controle do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

2. Pesquisadora é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGcom/Uerj). E-mail: naiaraevangel@gmail.com

3 Os dados do Tinder foram retirados de matéria sobre os Dias dos Namorados, no Portal de notícias G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/06/dia-dos-namorados-faz-brasileiros-correrem-para-o-tinder.html>>. Acesso em: 19 de janeiro de 2017

interações contemporâneas tem levado o aplicativo a se tornar tema de debates dentro dos estudos da Comunicação.

Assim, a partir de observações feitas durante pesquisa exploratória no aplicativo, realizada durante período de tensão política no Brasil – como a votação do Impeachment de Dilma Rousseff (PT) e a posse de Michel Temer (PMDB) –, entre março e dezembro de 2016, foi constatado que o Tinder, assim como já é notório em sites de redes sociais, também se tornou um espaço de posicionamento político e de práticas de ciberativismo, por meio dos perfis dos usuários.

Atentos a isso, a Polícia Militar de São Paulo realizou uma ação, no dia 4 de setembro de 2016, em que usava dados de usuários que foram inicialmente recolhidos no aplicativo. A partir de informações do capitão do exército, Willian Pina Botelho, que se infiltrou no Tinder com o intuito de se aproximar de integrantes de movimentos sociais e militantes de esquerda, a Polícia Militar prendeu 21 jovens que iriam participar de uma manifestação contra Michel Temer (PMDB).⁴ Originário de Lavras (MG), o oficial atuava há mais de um ano em São Paulo e nas redes sociais usava a identidade Baltazar Nunes. No dia da operação, o grupo percebeu que se tratava de uma ação planejada com antecedência e que deveria haver algum infiltrado. Como Baltazar foi o único liberado no dia, ficou claro que era ele.

O episódio desencadeia o debate principal do presente artigo, e será chamado ao longo do texto de o Caso Botelho. O interesse em discuti-lo surgiu com a percepção de que ele estava alinhado com as observações recorrentes feitas no aplicativo: as apropriações do Tinder pelos usuários fizeram com que as possibilidades de uso da plataforma extrapolassem o debate de experiências amorosas e/ou sexuais contemporâneas, na medida em que ele, assim como outras redes sociais, também se tornou palco de militância política no processo das interações. Usuários que se identificam com uma determinada ideologia, partido político, movimento social, causa, entre outros, utilizam de elementos que fazem referências aos tais para compor os seus perfis, e assim estabelecerem suas interações.

Para a discussão é importante entender a forma geral de funcionamento do aplicativo. O Tinder apresenta perfis de usuários a partir de uma configuração predefinida – que abrange gênero, faixa etária e geolocalização –, e cabe aos usuários selecionarem quem desejam interagir. Ao clicar no *like* ou deslizar a tela para direita é sinal de aprovação e ao clicar no *dislike* ou deslizar a tela para esquerda é sinal de reprovação. O início da conversa só é

43. Matéria publicada no site da Revista Forum. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2016/09/12/infiltrado-do-tinder-que-espionava-manifestantes-e-capitao-do-exercito/>>. Acesso em: 19 de janeiro de 2017

possível quando há escolha mútua dos usuários, ou seja, o usuário X precisa aprovar o usuário Y e vice-versa, para que haja a possibilidade de interação direta entre eles.

Nessa dinâmica de escolha, a composição dos perfis dos usuários é determinante. Eles podem conter fotos, imagens e/ou uma descrição, que auxiliam a montagem de uma apresentação pessoal para possíveis “pretendentes”. Fica claro que nessa análise emerge também um debate sobre construção de identidades em meios digitais. Em interseção a esse debate tão perceptível nos perfis dos usuários do Tinder, identificamos a questão da vigilância como outra temática central. Assim, com base nas observações feitas na plataforma, o objetivo principal do artigo é explorar o debate sobre liberdade de expressão e vigilância em redes sociais, com foco no Tinder, em tempos que presenciamos fatos conflitantes nesse sentido.

Como principais referenciais teóricos para a reflexão recorreremos aos estudos sobre regimes de visibilidade e de vigilância contemporâneos feitos por Fernanda Bruno, em especial a noção de vigilância distribuída, e a discussão sobre interação simbólica de Erving Goffman. No Tinder, por exemplo, o capitão Willian Botelho utilizava a frase “Democracy is the road to socialism”. A tentativa de criar um personagem para se aproximar de um grupo específico de usuários nos encaminhou a teoria de representação teatral desenvolvida por Goffman.

Além da revisão bibliográfica, o caminho metodológico escolhido para discutir as temáticas será a combinação do estudo de caso e a análise de imagem e de texto de perfis do Tinder de usuários que se posicionam politicamente, que foram recolhidos durante pesquisa de inspiração etnográfica. O grau de inserção utilizado é o Lurker, como explica Polivanov (2014, p. 106), o objetivo dessa observação é interferir o mínimo possível nas interações da plataforma, ao observar, sem se manifestar. Com esse suporte, a questão que irá nortear a análise empírica desse estudo é: de que modo os usuários do Tinder têm se posicionado politicamente na plataforma, em tempos de vigilância comprovada?

O CASO BOTELHO À LUZ DA VIGILÂNCIA DISTRIBUÍDA

Com o propósito de contextualização, Bruno (2013, p.7) localiza o ano de 2003 como o marco da intuição de que algo se transformava em nossos regimes de visibilidade habituais e as tecnologias e redes de comunicação eram espaços especialmente expressivos para a conjuntura. No âmbito das práticas cotidianas, a pesquisadora observava a proliferação de reality shows e de práticas de narrativas do eu na Internet, e no âmbito da vigilância, havia um processo de diversidade e de crescimento no cotidiano na vida urbana e social. Entre os marcos

apontados por ela estão os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, que reorganizou as relações entre segurança e vigilância, com a expansão da videovigilância.

Quinze anos depois, a velocidade de transformação dessas tecnologias e inserção cada vez maior no cotidiano dos seus usuários, torna o debate cada vez mais amplo e complexo. O Tinder é um exemplo rico nesse sentido, pois é um exemplo que escapa das fontes óbvias de vigilância, ainda que plataforma utilize como base de dados principal as informações fornecidas pelos seus usuários no Facebook. A rede social criada por Mark Zuckerberg se insere de forma determinante no contexto atual de controle e vigilância da Internet, que ficou conhecido, em exemplo também lembrado por Bruno, a partir de denúncias do analista de sistemas, Edward Snowden. Ele relatou as práticas de vigilância e espionagem da Agência Nacional de Segurança (NSA) dos Estados Unidos, que envolvia monitoramento não só de usuários, mas de empresas e governos, inclusive o do Brasil.

O que Bruno aponta a partir de alguns exemplos contemporâneos e da noção de vigilância distribuída, a qual o estudo adere para refletir algumas nuances do Caso Botelho, é que as tradicionais discussões sobre vigilância, inspiradas pelo Panóptico de Bentham e pelo Big Brother de Orwell, não dão mais conta do cenário contemporâneo (2013, p. 24). Para a pesquisadora, ainda que elementos importantes do modelo clássico do Panóptico⁵ persistam, enfatizar a sua ampliação ou intensificação pode limitar o olhar para um processo de mudança de funcionamento da vigilância que, para Bruno, está muito distante do modelo tradicional citado.

A partir da lista de sete atributos da vigilância distribuída, percebe-se que o Caso Botelho dialoga diretamente com duas perspectivas problematizadas por Bruno sobre os fenômenos da vigilância contemporânea que, para ela, são complexos, difusos e heterogêneos (2013, p. 24). O primeiro deles é o fato da vigilância distribuída, em algumas situações, ser efeito secundário de dispositivos criados para outras finalidades. “No entanto, é importante destacar que o fato da vigilância não estar prevista em certas tecnologias não a torna neutra ou sem efeitos [...]” (BRUNO, 2013, p. 32).

⁵ “O *Panóptico* de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente.” (FOUCAULT, 1987, p. 223).

Ao olhar para o Caso Botelho surge o questionamento em relação a escolha do capitão do exército por usar o aplicativo de relacionamento Tinder como mediador para acessar informações e se conectar com a rede de militantes que se posicionavam contra o caminho político que se delimitava no momento. Entende-se que a aparente neutralidade do Tinder, torna os seus usuários muito mais vulneráveis e susceptíveis a compartilhar informações pessoais. A forma de uso, que foi apresentada anteriormente, estimula que os interagentes exponham seus posicionamentos e gostos “íntimos” em suas construções de identidades na plataforma. Deste modo, constata-se que a sociabilidade iniciada no aplicativo pode ser muito mais frutífera, em termos de vigilância, justamente por não ser um espaço que a priori se apresentava para esse tipo de atividade. Retomamos aqui a uma das definições de Bruno da vigilância distribuída “[...] por vigilância distribuída, não se define uma tecnologia ou atividade particular, mas o modo de funcionamento das redes que constituem a vigilância como dispositivo nas sociedades contemporâneas” (BRUNO, 2013, p. 28).

Recorremos também a discussão sobre as utopias da cibercultura feita por Primo (2013, p. 13), ao problematizar as redes sociais como espaços libertários. O pesquisador ressalta a importância do cuidado ao dar a elas um caráter revolucionário, como se toda a estrutura do sistema de comunicação houvesse mudado, desde a emergência dos chamados meios de comunicação de massa. Para ele, a liberdade de expressão dos cidadãos de fato pode ser potencializada pelas mídias digitais, e o ciberativismo é comprovação disso. Porém, em suas palavras, é um processo que não adere a uma única vertente ideológica. Primo cita como exemplo as práticas de fins comunitários e resistências, que foram cooptadas pelas grandes empresas jornalísticas no modelo do jornalismo participativo. Apoiando-se também nessa perspectiva, entende-se que o aparente caráter neutro do Tinder, que deixou os militantes confortáveis para suas práticas de ativismo, foi justamente uma das características que pode ter influenciado para que ela fosse escolhida como meio de vigilância e controle dos mesmos.

A outra característica da noção de vigilância distribuída que dialoga diretamente com o estudo do caso em questão, e de alguma forma complementa a primeira mencionada, é o fato dela não estar restrita aos circuitos de controle, segurança e normatização, mas também de entretenimento e de prazer (2013, p. 34).

Os afetos e as subjetividades contemporâneas não encontram na vigilância apenas um medo de inspeção e controle ou de segurança e proteção, mas uma forma de diversão, prazer, sociabilidade. Além disso, é crescente a lista de dispositivos voltados para o automonitoramento, aliando vigilância, cuidado de si e otimização da performance em diversos campos da vida cotidiana: trabalho, saúde, produtividade. (BRUNO, 2013, p. 34).

O Tinder é uma ambiência digital em que o automonitoramento fica evidente em suas ferramentas básicas de utilização. O seu funcionamento é baseado no sistema de geolocalização, que aponta a localização dos usuários, e o sistema de cruzamento de dados para as interações, que utiliza dados dos Facebook, onde são coletados informações referentes as amizades e os interesses em comum, por meio das páginas curtidas. Sem contar as possibilidades adicionais de composição do perfil, como a integração com as redes sociais de fotografia, Instagram, e musical, Spotify. Tais características se mostram necessárias para a otimização da performance na plataforma, como enfatiza Bruno.

Um mês após o vazamento do episódio, a ação policial que resultou no Caso Botelho passou a ser investigada pelo Ministério Público Federal e Estadual⁶, objetivando esclarecer se ela foi conduzida legalmente. A investigação acontece após a confirmação que a infiltração de Willian Botelho entre os militantes foi negociada com o Governo do Estado de São Paulo, envolvendo o Exército e a Polícia Militar. Em entrevista ao Portal Forum, o comandante-geral do Exército, Eduardo da Costa Villas Boas, deu o seguinte declaração, quando questionado sobre os abusos da ação: “O primeiro aspecto a destacar é que ele não estava infiltrado, estava acompanhando. Nós estamos muito tranquilos porque estamos absolutamente respaldados pela legislação e por medidas que haviam sido adotadas”. Em matéria do El País Brasil⁷, o juiz Paulo Rodrigo Tellini de Aguirre Camargo, que liberou os manifestantes, que não possuíam antecedentes criminais, fez uma análise crítica da operação e do momento político que o Brasil está vivendo: “O Brasil como Estado Democrático de Direito não pode legitimar a atuação policial de praticar verdadeira ‘prisão para averiguação’[...] Esse tempo, felizmente, já passou”.

6 Informações publicadas em matéria do portal da Revista Forum. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2016/10/18/exercito-admite-que-operacao-de-espionagem-foi-negociada-com-alckmin/>>. Acesso em: 19 de janeiro de 2017

7 Declaração dada à reportagem do site do jornal El País. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/09/politica/1473452777_631937.html>. Acesso em: 19 de janeiro de 2017



Imagem da ação policial. Botelho é o segundo da esquerda para direita⁸

O que fica claro na ação é que não só os jovens foram expostos, mas também os dados do capitão do exército Willian Botelho estão amplamente divulgados na rede, mostrando mais uma das falhas da operação, que colocou nas manchetes um membro do setor de inteligência do exército – entre eles, conversas em aplicativos de mensagens, perfis em redes sociais e informações da vida pessoal. Com características semelhantes em equívocos, Bruno cita o exemplo de uma ação policial realizada durante o G20, em Londres, que ocasionou a morte Ian Tomilson. Na ocasião, a polícia britânica negou envolvimento no caso, o que foi desmentido por vídeos gravados durante o episódio.

Uma hipótese é que este ponto cego reflete uma perspectiva policial-estatal que não se vê, literalmente, como vulnerável ao olhar das massas e dos que costumam ser apenas objetos de olhar policial. A instituição e a força policiais não se colocaram a velha questão, elementar: *who watch the watchmen?* (quem vigia o vigilante). Apenas preocuparam-se em declarar que os vastos sistemas de CCTV não capturaram nenhuma imagem do incidente. Preocuparam-se com as câmeras que eles mesmos controlam e que eventualmente podem se voltar contra eles [...] (BRUNO, 2013, p. 28).

Assim como em Londres, o Caso Botelho foi tema de reportagens nos principais meios de comunicação. E, ainda mais que jovens detidos, Willian Botelho teve detalhes da sua vida divulgados, exemplificando a perspectiva distribuída da vigilância, na qual a hierarquia e centralização não são primordiais, como no modelo do Panóptico. Para dar continuidade ao estudo de caso, recorre-se a outra vertente que tornou possível a ação policial do Caso Botelho, a construção das identidades em plataforma digitais, com foco no Tinder.

A FACHADA ENTRE A SINCERIDADE E O CINISMO

⁸ Imagem do Blog Ponte, da Revista Carta Capital. Disponível em: < <http://ponte.cartacapital.com.br/capitao-willian-o-infiltrado-do-tinder-disse-que-subornou-delegado/> >. Acesso em: 19 de janeiro de 2017

A partir de um quadro de referenciais ligados a dramaturgia, Erving Goffman faz um estudo sociológico, dentro da perspectiva teórica do interacionismo simbólico da escola de Chicago, para analisar a vida e as interações sociais. O canadense considera ambientes que se tornaram referência dos estudos atrelados à modernidade, como a fábrica e espaços residenciais. No entanto, os estudos de cibercultura têm refletido como as ambiências digitais apresentam características observadas em espaços físicos descritos pelo autor.

Entre o vasto número de noções e metáforas problematizadas por Goffman, interessa para o estudo o termo “fachada pessoal” e as figuras do “cínico” e “sincero”. Para entender como os atores descritos por Goffman dialogam com o estudo de caso, é interessante discutir primeiramente, a partir do termo “fachada pessoal”, como Willian Botelho se apresentava no aplicativo de relacionamento, com o intuito de começar interações com militantes de esquerda de São Paulo.



Balta, 37
Maguary
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
1 km de distância

Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres.

Democracy is the road to socialism.
Karl Marx



Perfil do capitão do exército, Willian Botelho, que se apresentava nas redes sociais como Balta Nunes⁹. E foto do mesmo em ambiente militar¹⁰.

Algumas características presentes em seu perfil no Tinder são cruciais para essa problematização. Willian Botelho se identificava com o nome Baltazar Nunes, funcionário da empresa Maguary e graduado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em infor-

9 O perfil de Willian Botelho no Tinder foi publicado em matéria do El País. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/09/politica/1473452777_631937.html>. Acesso em: 18 de janeiro de 2017

10 Matéria do site do partido Psol traz fotos de Willian Botelho. Disponível em: <<http://www.psol50.org.br/blog/2016/09/13/capitao-do-exercito-infiltrado-monitorava-movimentos-organizados-da-frente-povo-sem-medo/>> Acesso em: 18 de janeiro de 2017

mações divulgadas em matérias sobre o caso¹¹, foi apurado que o capitão do exército é formado em Ciências Militares, pela Academia Militar das Agulhas Negras. Obviamente, para construção do personagem não era interessante dizer que ele era militar, por isso a escolha de uma universidade federal, que dentro do seu imaginário¹², deve formar pessoas com posicionamento político mais à esquerda. Para completar a posição ideológica que Botelho queria construir, ele utiliza as frases: “Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres” e “Democracy is the Road to socialism”, creditada por ele ao filósofo alemão, Karl Marx. A foto utilizada no perfil também parece estar em diálogo com o imaginário de Botelho sobre características físicas do grupo social no qual pretendia se inserir. Na imagem ele está com os cabelos mais compridos do que costumava usar, além da barba que deixou aparente.

Os recursos estéticos e de discurso utilizados por Botelho nos remetem a definição de Goffman para o termo “fachada pessoal”, que complementa a ideia de “cenário” - em linhas gerais, o cenário se trata dos elementos do pano de fundo para o desenrolar da ação humana executada diante, dentro ou acima dele. Em outra definição, o “cenário” seria referente às partes cênicas de equipamento expressivo (GOFFMAN, p. 36). Nesse sentido, entendemos que as ferramentas e a forma de funcionamento do Tinder estimularam a composição do cenário digital escolhido para performance da “fachada pessoal” de Baltazar Nunes, personagem criado por Willian Botelho.

[...] Podemos tomar o termo “fachada pessoal” como relativo aos outros itens de equipamento expressivo, aqueles que de modo mais íntimo identificamos como o próprio ator, e que naturalmente esperamos que o sigam onde quer que vá. Entre as partes da fachada pessoal podemos incluir os distintivos da função ou da categoria, vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência; atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes (GOFFMAN, 2014, p. 36).

Como relatado, vimos que o personagem de Willian Botelho de fato conseguiu fazer parte do grupo social que tentava se aproximar pelo aplicativo. A farsa só foi desmascarada

11 Informações retiradas em matéria do site do El País. Disponível em: < http://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/09/politica/1473452777_631937.html >. Acesso em: 18 de janeiro de 2017

12 Na perspectiva do sociólogo francês, Michel Maffesoli, o imaginário é resultado de um corpo social, e ao mesmo tempo ele se materializa no mesmo, em um movimento de constante retroação (MAFFESSOLI, 1998: 104).

após a ação policial. Ao discutir as contribuições de Goffman para os estudos de sites de redes sociais, na perspectiva das dinâmicas identitárias e de sociabilidade, Polivanov (2014, p. 73) problematiza as noções de *self* e “eu”, que surgem a partir da tradução do título da obra *The Presentation of Self in everyday Life*, em português *A Representação do eu na vida cotidiana*. “[...] Enquanto a noção do *self* - que não teria tradução adequada para o português – diz respeito a uma estrutura social e construída através das experiências sociais, a noção do “eu” diz respeito a uma dimensão interna dos sujeitos, muito mais psicológica do que social” (POLIVANOV, 2014, p. 73). A pesquisadora analisa: “O *self* é constituído, desse modo, tanto pelo “eu” quanto pelo outro” (idem, p. 74).

Com base nessa percepção, é importante enfatizar que o presente estudo considera identidades construídas a partir do *self*. Como apontado, o *self* Balta Nunes (personagem *online*) foi elaborado a partir de experiências sociais, que remeteram a códigos intelectuais e estéticos de um imaginário do que se entendia de militância de esquerda no Brasil, mais precisamente em São Paulo. Deste modo, entende-se que o estudo não possui recursos metodológicos para discutir o “eu”, referente a figura de Willian Botelho, na medida que a análise é feita a partir de dados com materialidades digitais.

Em sua análise, Polivanov também questiona se o termo “fachada” seria adequado para aplicação entre as possibilidades de personalização das autonarrativas nos sites de redes sociais, na medida em que acredita que ele abarca uma dimensão mais quantitativa do que qualitativa do ator social (POLIVANOV, 2014, p. 77). Essa análise é feita a partir da explicação de Goffman da noção de “fachada”.

Mas cabe ressaltar que Goffman explica que a “informação transmitida pela fachada” tem um “caráter abstrato” e genérico (2009, p.32) é um “tipo padronizado”, uma vez que circunscreve o indivíduo a determinado “clã”, algo que seria necessário nas sociedades (entendidas em oposição a comunidades) (POLIVANOV, 2014, p. 77).

Acredita-se que a aplicação do termo “fachada pessoal” encontra ecos no estudo do Caso Botelho, ao entendermos que há um processo e empenho para a construção de Baltazar Nunes que extrapola as linhas da vida cotidiana e entra em uma encenação literal da vida cotidiana da personagem. Willian Botelho não encena Willian Botelho. Willian Botelho encena Baltazar Nunes, personagem com traços físicos e posições ideológicas que não correspondem a fachada do grupo social em que vive. Como enfatizamos, cada informação transmitida na

fachada de Botelho no Tinder tinha uma significação, a partir do seu propósito. Enxergamos, assim, no Caso Botelho, elementos qualitativos para aplicação do termo, ainda que seja possível perceber a recorrência do tipo padronizado, mencionado por Polivanov.

Assim, retomamos as figuras do “cínico” e “sincero” apresentadas por Goffman para concluir a análise da construção de Baltazar Nunes no Tinder. A primeira figura seria o indivíduo que não crê na sua própria atuação e não se interessa pelo que seu público acredita e o segundo é aquele que acredita na própria representação. A partir da visão do sociólogo, conclui-se que, na ambiência do Tinder, Baltazar Nunes se trataria do “sincero”, uma vez que o capitão do exército levou essa identidade para fora do ambiente *online* e conseguiu interagir com ela em um grupo social. Porém, quando a ação policial é concluída e Baltazar Nunes é o único liberado entre os manifestantes, surge a figura do “cínico”, na medida em que não é mais possível sustentar mais a personagem criada.

O que torna crucial pontuar nesse ponto é que a atuação de Willian Botelho é pensada e articulada para um determinado fim. Na vida social cotidiana, ainda que as construções da “fachada social” sejam de mesmo modo racionalizadas, não há necessidade de sustentar a posição de “cínico” ou “sincero”, e a movimentação entre as duas figuras ocorre de forma mais natural.

CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADE EM MEIO A EFERVESCÊNCIA POLÍTICA

Antes e após o Caso Botelho, entre março e dezembro de 2016, foi recolhido no Tinder, em pesquisa de inspiração etnográfica, perfis de usuários que se colocam politicamente na plataforma. O intuito é discutir uma das questões impulsionadas a partir do estudo do Caso Botelho: de que modo os usuários do Tinder têm se posicionado politicamente na plataforma, em tempos de vigilância comprovada? Para a análise, que focará em imagens e textos, protegeremos a identidade dos usuários, que não se tornaram figuras públicas, como Willian Botelho. Esta breve análise tem como inspiração o método da análise do discurso, ao buscar a significação construída por textos e imagens e até mesmo na ausência deles, por meio das auto-descrições e fotografias dos perfis dos usuários (MANHÃES, p. 305).



Perfis de usuários do Tinder, recolhidos em pesquisa de inspiração etnográfica, entre março e dezembro de 2016

Deste modo, para tentar responder a questão, o estudo usará três perfis de usuários que apresentam de formas distintas seus posicionamentos políticos. O usuário do perfil 1 explora tanto no texto quanto na foto principal o seu posicionamento político. Na imagem, ele utiliza a frase “Não reconheço governo golpista”, em referência a Michel Temer (PMDB). A mensagem está em evidência, mesclada com parte do seu rosto, que é o cartão de visita principal do perfil. Entre a foto e após seu texto de apresentação pessoal, que aborda outra temática, o usuário adiciona mais uma nota “PS.: Foi Golpe”. Não temos ferramentas suficientes para dizer qual a intenção desse usuário, porém, a partir desse primeiro perfil, é possível apreender que ele tem o posicionamento político como questão relevante para estabelecer suas possíveis interações no Tinder, ao recorrer a temática em dois dos principais recursos da plataforma.

O perfil 2 utiliza apenas uma vez a temática em seu perfil, mas não de forma menos evidente que o perfil 1. Se no recurso de maior destaque ele utiliza uma foto de seu rosto, sem menção a nenhuma questão política, o/a usuário (a) que se interessar por ele, logo ao abrir seu perfil irá visualizar no topo da sua descrição, antes de suas características pessoais, a frase “Primeiramente, fora Temer”. Ao usar o bordão já recorrente entre os militantes anti-Temer, o usuário demonstra que antes de se apresentar, ele precisa dizer qual é seu posicionamento político.

No último perfil escolhido, o usuário não usa uma foto pessoal como imagem de apresentação principal. O perfil 3 tem uma ilustração de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em roupa

caricata de prisioneiro, que contem a numeração do partido, 13, seguida do número 171 - popularizado por fazer referência à bandidos e ao Código Penal Brasileiro 171, que trata de crimes de estelionato. Além da crítica direta ao ex-presidente, a ilustração traz a frase “PT nunca mais”. O que torna o perfil interessante é que, diferentemente dos perfis 1 e 2, o usuário não achou necessário uma autodescrição em texto. A imagem foi suficiente para que ele demonstrasse seu posicionamento político e, conseqüentemente, inferimos que deseja interagir com pessoas que compartilham de posicionamento semelhante.

Ainda que de formas diferentes, constatamos durante a observação na plataforma que os posicionamentos políticos estão presentes em número significativo de perfis. A escolha dos três foi feita, pois eles usam de maneiras distintas recursos que o Tinder disponibiliza para seus usuários para suas construções identitárias, seja por meio de fotos, imagens, ilustrações e/ou texto. Deste modo, percebemos que no meio digital, a materialidade da plataforma também é utilizada para os fins de opiniões e ativismo.

Ao analisar as cenas de música eletrônica no Facebook, Polivanov considera os perfis no site de rede social e as dinâmicas identitárias percebidas nele. Podemos apreender do estudo feito pela pesquisadora alguns indícios para as considerações finais deste presente estudo. O primeiro deles é de que os perfis no Facebook, assim como percebemos no Tinder, não devem ser entendidos como a própria pessoa no ambiente digital, mas como uma “construção discursiva performatizada” que busca atingir outros interagentes na mesma ambiência. Ela completa que essas identidades apresentadas são atravessadas por discursos de outros atores (2014, p. 198). A partir dos perfis que analisamos, ficou claro que questões ideológicas e políticas eram mote para construir, o que Polivanov chama de “persona”, “de mesma raiz etmológica de “personagem”, do latim *per sonare* que significa “soar através de” ” (POLIVANOV, 2014, p. 198). A análise, feita a partir das observações de pesquisa exploratória, constatou que essa recorrência temática específica no Tinder se deu a partir do início de tensão política no Brasil. Ou seja, alguns usuários do Tinder, a exemplo dos três perfis que analisamos, buscam interagir com pessoas que possuem posicionamentos políticos semelhantes a eles.

[...] Os perfis dos atores sociais no Facebook são personas, não no sentido de serem falsos ou enganosos, escondidos atrás de uma máscara, mas sim no sentido de serem construções ou versões de si que os atores sociais – com mais ou menos cuidado e nível de autorreflexão – elaboram (e reelaboram constantemente), *performaticamente*, selecionando comportamentos e materiais de

acordo com a impressão que querem causar à sua audiência em determinado momento [...] (POLIVANOV, 2014, p. 199).

Entende-se também, com base no material recolhido, que no Tinder a questão se torna ainda mais complexa do que em sites de redes sociais, pois os usuários tem como objetivo conquistar outros usuários (com pretensões amorosas e/ou sexuais), bem como se destacar entre milhões de interagentes, para]receber o esperado *like* - ferramenta que pode desencadear a interação entre os usuários. Desta forma, constata-se que os aplicativos de relacionamentos ajudam a ampliar as discussões sobre construção de identidades em ambientes digitais, uma vez que podem ser atravessadas por diversas outras questões. Ao se debruçar sobre a temática da militância política, por exemplo, percebemos que a vigilância comprovada não tem inibido o posicionamento dos usuários na plataforma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do Caso Botelho, que aconteceu em meio à efervescência de acontecimentos que envolviam a política nacional, é possível perceber como os modos de apropriação do Tinder também exigem uma discussão sobre suas abrangências políticas, democráticas e sociais. As possibilidades que surgem por meio de sua utilização na vida pública e privada de seus usuários provocaram a oportunidade de reflexão sobre essa dimensão da cibercultura. Portanto, considerar aspectos para além dos que dados em primeira instância pode trazer para o campo a maior amplitude da dimensão da mediação de tecnologias como o Tinder na vida social contemporânea.

Com base no conceito de vigilância distribuída, foi constatado que não há neutralidade em ambiências digitais e, deste modo, a vigilância contemporânea não está ligada a meios ou a aparatos comunicacionais específicos, como equivocadamente em senso comum pode se avaliar. Ela se apresenta em um processo complexo, difuso e heterogêneo e, como identifica Bruno (2013), tem se afastado de algumas características importantes da vigilância consagrada pelo modelo do Panóptico de Betham, que é centralizada e hierarquizada. Como vimos, a hierarquia é claramente quebrada no Caso Botelho, na medida em que os dados pessoais do capitão do exército, figura central da ação, foram amplamente divulgados após a ação policial que culminou na detenção de 21 militantes em São Paulo.

Considerada abusiva pelo juiz que analisou o caso em primeira instância, a ação policial, que está sendo investigada, é exemplo do cenário preocupante em que está inserida a

democracia brasileira. Assim, o estudo, a partir da discussão de como vigilância e liberdade de expressão de posicionamento político convergem no Tinder, constatou que ainda que haja um processo comprovado de vigilância e controle, os usuários da plataforma utilizam suas ferramentas, como textos e fotos, para se posicionarem e para construir a sociabilidade no aplicativo de relacionamento.

Em concordância com a aplicabilidade do termo *self*, que é sobretudo construído a partir de experiências sociais, vimos que os usuários recorrem a imaginários e códigos que representem seus posicionamentos políticos e ideológicos, ambos exemplos de construções sociais. Como constatamos, os mesmo códigos foram explorados por Willian Botelho em seu perfil no Tinder como Balta Nunes, a partir de elementos que compõe uma “fachada pessoal”. O termo é referente ao conceito do Goffman, que explora elementos expressivos que vão do vestuário até gestos corporais. No Tinder, analisamos uma construção em meio digital e como imagem e discurso podem ser utilizados nessa abordagem.

Deste modo, o estudo de caso, ao explorar nuances que atravessam os estudos de vigilância contemporânea e de construção de identidades em ambientes digitais, mostra a urgência do debate sobre democracia no Brasil, na medida em que os modos de ser e estar de determinados usuários no Tinder foram ameaçados por uma ação policial que fere princípios básicos da liberdade de expressão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONIN, Jiani. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n° 37, Dezembro de 2008.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

COUTINHO, Iluska. Leitura e análise da imagem In: BARROS, Antonio; DUARTE, JORGE (organizadores). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2014.

DUARTE, Marcia. Estudo de caso. In: BARROS, Antonio; DUARTE, JORGE (organizadores). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MANHÃES, Eduardo. Análise do discurso. In: BARROS, Antonio; DUARTE, JORGE (organizadores). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2014.

POLIVANOV, Beatriz. **Dinâmicas identitárias em sites de redes sociais: Estudo com participantes de cenas da música eletrônica no Facebook**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

PRIMO, Alex. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. In: **Interações em Rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.